

EAMONN BUTLER

LIBERDADE É PROSPERIDADE

**A FILOSOFIA DE
AYN
RAND**

*O pensamento
revolucionário de
uma das maiores
escritoras do
século 20*

 **FARO
EDITORIAL**



EAMONN BUTLER

LIBERDADE É PROSPERIDADE

A FILOSOFIA DE AYN RAND

*O pensamento revolucionário de uma
das maiores escritoras do século 20*

Tradução:
Matheus Pacini



A VIDA DE RAND E SEUS ESCRITOS

INFÂNCIA CONTURBADA NA RÚSSIA

AYN RAND NASCEU ALISA ZINOV'YEVNA ROSENBAUM EM

1905, a primeira de três filhas de uma família russo-judaica de classe média de São Petersburgo. Aos nove anos, já tinha decidido se tornar escritora — inspirada pela história do heroico soldado inglês Cyrus Paltons que havia lido numa revista infantil. Após sua mãe levá-la ao cinema, Rand se apaixonou pela escrita de roteiros.

Em 1917, quando ela tinha apenas doze anos, Petrogrado (como São Petersburgo era então chamada) tornou-se o foco das Revoluções de Fevereiro e Outubro. Quando os bolcheviques chegaram ao poder, confiscaram a farmácia de seu pai e a casa da família.

Para fugir do conflito e das terríveis condições de vida na cidade — retratadas de forma impactante em seu romance semiautobiográfico *We the Living* (1936) —, a família se mudou para a Crimeia. Seu pai abriu uma nova farmácia, mas essa também foi nacionalizada

logo após a chegada do Exército Vermelho. Então, em 1921, quando completou o ensino médio, Alisa retornou a Petrogrado.

Ela foi uma das primeiras mulheres a se matricular numa universidade estatal. A história e a política dos Estados Unidos, assim como peças, música e cinema ocidentais a inspiravam. Além dos romancistas Fiódor Dostoiévski e Victor Hugo, que tinha lido na Crimeia, agora tinha descoberto outros pensadores — como Aristóteles — que viriam a influenciar sua carreira.

Mas (novamente como a heroína Kira em *We the Living*) ficou desanimada pela supressão comunista do livre pensamento e da livre expressão. Junto com outros estudantes “burgueses”, foi expulsa da universidade. Porém, após o protesto de alguns professores estrangeiros, completou seus estudos em 1924.

Nesses tempos sombrios, dedicou ainda mais tempo a peças, operetas e filmes ocidentais. Determinada a se tornar roteirista, entrou para o Cinematic Institute em Leningrado (como os soviéticos tinham renomeado a cidade), onde escolheu seu nome profissional de Ayn Rand. Ela sabia que não tinha futuro numa sufocante Rússia comunista, e ansiava por fazer parte da cultura de possibilidades retratada nos filmes americanos. Obteve um visto para visitar parentes em Chicago e, com a ajuda dos pais, viajou aos Estados Unidos. Mas ela não tinha intenção de voltar.

NOVA CARREIRA NOS ESTADOS UNIDOS

Pousando em Nova York, em 1926, Rand foi arrebatada pelo impressionante (e, para ela, heroico) horizonte de inverno. Logo seguiu para Chicago, onde um de seus parentes tinha um pequeno

cinema, permitindo-lhe saciar sua paixão por filmes. Renovou o seu visto e, com US\$ 100 emprestados e uma carta de recomendação de um distribuidor de filmes próximo de seus parentes, partiu para a Califórnia.

Em seu segundo dia em Hollywood, teve um encontro casual com o grande cineasta Cecil B. DeMille — que a viu olhando para ele na saída dos estúdios. Ele a contratou como figurante no filme religioso *King of Kings*. Duas semanas depois, Rand conheceu o jovem ator Frank O'Connor, com quem se casou em 1929, alguns dias antes de seu visto expirar. Ela se tornou cidadã norte-americana em 1931.

Rand revisou roteiros para DeMille, depois trabalhou no figurino do estúdio RKO Picture enquanto aperfeiçoava suas próprias habilidades de escrita. Em 1932, vendeu seu primeiro roteiro, *Red Pawn*, um drama de espionagem que se passava numa ilha-prisão russa, para a Universal Studios. *A noite de 16 de janeiro*, drama que se passava num tribunal (em que os membros da plateia agem como júri), foi produzido em Hollywood em 1934 e na Broadway em 1935. Pouco a pouco, Rand se tornava uma escritora de sucesso. Para avançar na carreira, e já prevendo sua temporada na Broadway, Frank e ela se mudaram para Nova York no final de 1934.

Em 1934, finalizou seu romance *We the Living*, mas seu retrato da realidade brutal da vida na União Soviética conflitava com o clima da “Década Vermelha”, em que os intelectuais ocidentais elogiavam ativamente o comunismo por sua visão ousada. Tampouco o conceito russo de “romance filosófico” se adaptava bem à cultura americana. Por fim, o livro foi publicado em 1936, recebendo resenhas negativas, embora estivesse sendo bem recebido fora dos Estados Unidos (tendo sido, sem o conhecimento de Rand, transformado em dois filmes na Itália). Pelas mesmas razões, foi

sua editora no Reino Unido que, em 1938, lançou seu segundo livro, *Cântico*, uma noveleta que se passava num futuro distópico em que a ideia de individualidade foi extinta.

O GRANDE LANÇAMENTO

Não obstante, foi muito encorajada por Isabel Paterson, colunista literária e proeminente pensadora libertária do *New York Herald Tribune*, com quem trocava ideias e que assegurou Rand de sua originalidade.

A nascente, o romance que a popularizou no mercado literário, foi publicado em 1943 com reações mistas. Críticos desaprovaram o seu tamanho (setecentas páginas) ou viram em seus personagens reproduções estereis e antipáticas das visões da autora. Mas o boca a boca transformou *A nascente* num grande sucesso literário que, em 1945, já tinha alcançado a sexta colocação na lista dos mais vendidos do *New York Times*.

Como em *We the Living*, seu tema é individualismo *versus* coletivismo — mas, dessa vez, no domínio da criatividade em vez da política. Romance filosófico, seu enredo gira em torno de Howard Roark, um arquiteto visionário e moderno de princípios firmes e inflexíveis — a primeira personificação do homem ideal de Rand — e a heroína Dominique Francon, que partilha de seus valores, mas que preferiu se afastar do que considera um mundo desprezível e tomado pela mediocridade.

A nascente tornou Rand famosa como defensora do individualismo. Um de seus leitores e admiradores mais famosos era o ator Gary Cooper, que ofereceu seus serviços à Warner Bros para fazer

o papel de Roark no cinema. Rand aceitou voltar a Hollywood para escrever o roteiro, sob a condição de que o estúdio não mudasse nem uma palavra — condição essa que, apesar de discussões, foi honrada.

Quando o filme foi lançado em 1949, críticos apontaram novamente os personagens mais como porta-vozes de uma filosofia do que seres humanos reais. O filme não foi um sucesso comercial, porém atraiu muitos curiosos que impulsionaram as vendas do livro e renderam muito dinheiro a Rand — permitindo que Frank e ela comprassem uma grande casa de campo (apropriadamente modernista) na Califórnia.

A REVOLTA DE ATLAS

Rand se opunha ativamente à divulgação de filmes simpáticos ao comunismo em Hollywood. Em seu *Screen Guide for Americans*, explicou como os cineastas poderiam detectar e resistir à propaganda comunista em seus roteiros. Em 1947, ela compareceu como testemunha amigável frente à House Un-American Activities Committee. Tudo isso aprofundou a relação já hostil entre ela e os intelectuais de esquerda que dominavam o cinema, a literatura e a crítica.

A essa altura, Rand já trabalhava num novo romance, *A revolta de Atlas*. Para finalizá-lo, regressou a Nova York, onde um grupo de admiradores — ironicamente nomeado de “o coletivo” — se uniu a ela.

Com suas 1.200 páginas, *A revolta de Atlas* foi publicado em 1957. Segundo Rand, seus temas eram “o papel da mente na

existência do homem” e sua nova moralidade do *egoísmo racional*. O romance retrata uma economia em crise em que pessoas criativas se recusam a ser exploradas pelos outros, optando por fundar sua própria sociedade baseada no *egoísmo* — uma negação a viver sua vida pelo bem dos outros ou esperar que eles vivam por você. Como em *A nascente*, o enredo envolve um caso amoroso entre a diretora de uma companhia ferroviária, Dagny Taggart, e o inovador magnata do aço, Hank Rearden — e, depois, com o idealizador da greve, John Galt.

Os críticos desprezaram o tom polêmico do romance, sua política e seu tamanho. Mas milhões de leitores acharam o livro, a história e os personagens cativantes — e ainda pensam assim. A obra logo alcançou o terceiro lugar na lista dos mais vendidos do *New York Times*, tornando-se um dos livros mais influentes do mundo. Hoje, continua vendendo dezenas de milhares de cópias ao ano.

O MOVIMENTO OBJETIVISTA E SEUS DESCONTENTES

A fama de Rand trouxe consigo convites para palestrar em faculdades e participar de programas de tv — seu estilo direto e paixão evidente por suas convicções não convencionais conquistavam audiências.

Em 1962, Rand criou um periódico, *The Objectivist Newsletter*, que se transformou em um periódico ainda maior, *The Objectivist*. Em 1971, foi renomeado como *The Ayn Rand Letter*. Muitos dos ensaios ali presentes foram transformados em uma série de livros de não ficção, incluindo *A virtude do egoísmo* (1964), sobre ética; *Capitalism: The Unknown Ideal* (1966), sobre economia e política;

RESUMO DA VISÃO DE MUNDO DE RAND

EM UMA CONFERÊNCIA DE VENDAS PARA A REVOLTA DE *Atlas*, Rand foi questionada se poderia explicar sua filosofia — como entendia o mundo e a humanidade — enquanto se equilibrava numa única perna. Ela o fez, com as seguintes palavras:

“Metafísica [*a natureza do universo*] – realidade objetiva;
Epistemologia [*como podemos conhecer o universo*] – razão
Ética [*os princípios morais que guiam nossa vida*] – autointeresse; egoísmo racional.
Política [*os princípios da organização social*] – capitalismo.”

Ela ainda não tinha escrito a fundo sobre arte, mas poderia ter adicionado:

“Estética [*os princípios da arte*] – romanticismo.”

Essas definições resumem bem a filosofia do Objetivismo de Ayn Rand. Para ela, a filosofia era vital para todas as questões humanas. Não podemos escolher corretamente os princípios políticos de uma sociedade sem ligá-los aos princípios morais compatíveis com a vida humana. Por sua vez, esses princípios morais devem se basear em um conhecimento claro do mundo e seu funcionamento. E, para isso, precisamos usar um método lógico e válido.

Para prosperarmos, portanto, devemos conduzir nossas vidas de *forma objetiva* e viver com base na realidade propriamente entendida por meio da razão e da lógica. Não podemos prosperar seguindo nossos caprichos, preconceitos ou ilusões. Devemos *escolher* aceitar a realidade, pensando de forma racional e objetiva.

RAND SOBRE A REALIDADE

A metafísica de Rand reflete sobre nossa busca pela natureza última da realidade, das coisas e da existência. Em que tipo de mundo vivemos? Ele é real ou apenas uma ilusão? Ele é natural, ou controlado por um ente sobrenatural?

Rand insiste que o mundo é real e natural. Existem coisas sólidas ao nosso redor, das quais tomamos conhecimento quase automaticamente. E também sabemos que essas coisas existem, e continuam a existir, mesmo quando não estamos olhando. Em outras palavras, a própria *existência* é real — ou, como Rand afirma, “a existência existe”. Nosso mundo, ela conclui, não é um sonho, nem algo mágico, ilógico ou arbitrário. As coisas existem e se relacionam entre si sem contradições: somos rodeados por coisas sólidas e fatos sólidos.

RAND SOBRE A NATUREZA DA REALIDADE

PARA RAND, NOSSA VISÃO DE MUNDO – OU FILOSOFIA – influencia todo aspecto de nossa conduta. Para prosperar em nossas atividades pessoais, sociais, políticas ou econômicas, precisamos ter um entendimento claro do mundo e da natureza humana.

A Metafísica, que é o estudo da natureza fundamental da realidade e da existência, é um bom lugar para começar. Embora muitos filósofos tenham questionado se o mundo que vivenciamos poderia ser um sonho, uma distorção, uma ilusão ou mero reflexo de uma realidade mais profunda, Rand adota a visão do bom senso. O mundo de que estamos cientes, ela insiste, é a realidade. O nosso desafio é entendê-lo.

Somos automaticamente cientes da existência das coisas: podemos vê-las e tocá-las. Mas embora nossas sensações e percepções nos informem de que as coisas existem, não nos dizem o que elas são. Se quisermos sobreviver e prosperar, é nisso que deveríamos focar. E quando aplicamos nossa razão a esse problema, descobrimos que o mundo não é mistério ou ilusão, mas

uma realidade de coisas e fatos sólidos. É *nessa* realidade que nossas vidas e atividades deveriam ser baseadas.

AXIOMAS BÁSICOS

Para mostrar as razões de sua argumentação, Rand começa com três *axiomas* — declarações de fatos que, afirma ela, são verdades autoevidentes.

Primeiro, sabemos que as coisas existem. Nossos cérebros nos tornam cientes delas. Podemos não conhecer sua natureza específica — exatamente o que são ou como se comportam —, mas sabemos que estão aí. E sabemos que não desaparecerão quando não estivermos olhando. Elas têm uma existência própria. Ou, como Rand afirma: “a existência existe”.

Segundo, estamos cientes de que as coisas existem. Nós as percebemos e estamos conscientes delas. Isso significa que nós devemos existir, e que nossa consciência existe. O fato de sermos conscientes também implica que as coisas existem. Não podemos ter consciência do nada; temos de ter consciência de alguma coisa.

Terceiro, ser algo implica que uma coisa deve ter uma *identidade* — um conjunto de atributos que a distinguem como uma coisa particular, e não outra. Rand coloca: “Existência é identidade” ou “A é A” — não se pode separar a existência de algo (que é) de sua essência (o *que* aquilo é). Uma coisa tem de ser algo, e não pode ser, ao mesmo tempo, outra coisa. Essa é *lei da identidade*.

Existência, consciência e identidade estão, portanto, interligadas. E são autoevidentes: não requerem prova além do que vivenciamos. De fato, diz Rand, para desmentí-las, teríamos que as

presumir: não é possível propor nenhum argumento sem referência a coisas e sua consciência delas. Juntos, esses axiomas formam a base de todo o nosso conhecimento e capacidade de raciocínio.

IDENTIDADE E CAUSALIDADE

A percepção, que nos diz que as coisas são — que elas existem —, é automática. Mas a razão, que nos permite entender o que as coisas são, e como se comportam, não é automática. Ela requer escolha. Exige que pensemos, e pensemos objetivamente.

Para explicar o processo, Rand imagina como uma criança aprende a ver o mundo. No início, a criança experimenta apenas uma confusão de diferentes cores, cheiros, ruídos, sabores e outras sensações. Mas o cérebro da criança conecta automaticamente essas coisas em grupos de sensações — percepções — que a tornam capaz de ter consciência de coisas, e não apenas de sensações individuais e aparentemente aleatórias. Então, em vez apenas de um borrão de cores e formas, ela vê a coisa como um todo, a entidade por inteiro, como uma mesa, por exemplo.

Logo depois, a criança observa os atributos, a escala, as ações e as relações dessas entidades, vindo a perceber como se comportam e como a afetam de formas diferentes, porém consistentes. Uma mesa, por exemplo, é dura ao toque, enquanto um ursinho de pelúcia é macio. Um cachorro corre e late, mas uma tábua não. Uma tábua pode esmagar um ursinho de pelúcia, mas ursinhos não podem esmagar mesas. A maneira como as coisas se comportam e afetam outras coisas — *causalidade* — também faz parte de

sua identidade. A causalidade, como dito por Rand, é a lei da identidade aplicada à ação.

EXISTÊNCIA E CONSCIÊNCIA

A criança também nota outra coisa. Ao fechar os olhos, as coisas parecem desaparecer; ao abri-los novamente, vê que ainda estão lá, inalteradas. É assim que nos tornamos cientes da existência, e de nossa própria consciência. Tornamo-nos cientes de que as coisas têm uma existência própria, independente de nós. Não podemos mudar a existência fechando nossos olhos ou desejando que as coisas sejam diferentes.

É por isso que, segundo Rand, é inútil simplesmente desejar que as coisas sejam diferentes, rezar para que mudem ou esperar que desapareçam se as ignorarmos. As coisas continuam inescapavelmente da forma que são: existem e se comportam de acordo com sua natureza fundamental, sejam quais forem nossos desejos ou intenções particulares. Ou, como diz ela, a existência tem primazia sobre a consciência.

Em outras palavras, não podemos afirmar conhecer o mundo olhando para dentro, para nossos sentimentos; precisamos olhar para fora, para os fatos da realidade. O mundo não é produto de nossa imaginação, diz Rand, nem algo que podemos criar ou mudar à vontade. Ele é um dado, e deve ser respeitado como tal.